

## **Depois daquele atendimento**

After that therapy session

---

### **RESUMO:**

A partir de três relatos feitos de lembranças, pretende-se destacar brevemente a base de Afetos e Amizade no percurso de docência da professor Heliana de Barros Conde Rodrigues.

**Palavras-chave:** Heliana de Barros Conde Rodrigues; Docência; Amizade.

---

### **ABSTRACT:**

Based on three accounts made of memories, we intend to briefly highlight the basis of Affection and Friendship in the teaching career of Professor Heliana de Barros Conde Rodrigues.

**Keywords:** Heliana de Barros Conde Rodrigues; Teaching; Friendship.

---

*DOI:10.12957/mnemosine.2024.88528*

## **INTRODUÇÃO**

À meia-noite e um de 26 de junho de 2024, dia em que, por volta de 11h da manhã, iniciava minha fala que deu origem a este texto, teria eu enviado um email parabenizando minha Amiga Heliana por mais um aniversário. Ou então, no correr do dia, um telefonema – isso, na verdade, já não mais há anos, desde que ela abandonara seu fixo, paralelo à adoção de um celular no qual jamais a localizei. Teríamos marcado um chopp ou não, e de qualquer forma indicaríamos uma data para comemorar mais um ano de aniversário dela. Naquela manhã, porém, o Parabéns se dera como Saudades, marcadas definitivamente desde 4 de março.

**Parabéns, Lili**

Quando recebi o email com o convite para participar daquela mesa, demorei um pouco a responder por sentir que seria difícil. Levei alguns dias – em geral respondo rapidamente –, pensei, pensei e assim me disse: ‘Bem, acho que dá’. Mesmo naquele dia, tinha dúvidas se realmente conseguiria, dificuldade que reside em vários pontos. São trinta e quatro anos de amizade – esse já é um ponto suficiente para me deixar muito mobilizado. Além disso, naquele, ela completaria 75 anos, data da aposentadoria compulsória. De alguma forma, aquele evento talvez pudesse estar acontecendo na presença dela, e nós estaríamos comemorando de forma simbólica a despedida dela da docência – sabemos que ela continuaria de alguma forma. Fato é que ela poderia estar presente, assistindo essa mesa e, quem sabe, vendo, ouvindo, rindo e dando força para o que cada um de nós estivesse falando.

Enfim, superada entre aspas a dificuldade de poder participar, eu me perguntei: ‘O que eu vou dizer?’. Sou meio chato quando me convidam e aceito o convite, acho que devo corresponder/atender plenamente ao objetivo. Aproveito e registro: as Modulações foram muito bem precisas em relação a Heliana – docência, militância e escrita. É uma descrição bastante boa, poderíamos colocar outras tantas. Coube naquele momento abordar a docência. Com o que eu poderia contribuir nesse campo? Então, me propus uma pequena mudança, um acréscimo, na verdade. Muitos que aqui me leem podem dizer, com muito orgulho e gosto, ‘Heliana foi minha professora’ – é sabido isso. Eu gostaria de propor que pensássemos de um outro lugar: ‘Eu fui aluno da Heliana’. Pode parecer uma bobagem, um detalhe, mas faço isso baseado na ideia, na expressão que Heliana usava muito, todos nós já a ouvimos, registrada várias vezes: Mestre-Aprendiz. Pode parecer apenas uma expressão de delicadeza, de gentileza com os alunos, mas não é. Essa expressão guarda três sentidos. O do ensinar, o do ensinar a aprender e do aprender a ensinar: Heliana era uma Professora. Naquela expressão, ela consegue sintetizar o ato de docência dela, que é predominantemente marcado por relações de Amizade. Em todos os atos de orientação, de escrita, de ajuda, de aula, de texto, de correção, de publicação, sempre tem o gesto da Amizade. Com isso, eu aparentemente consigo me situar no que escrever. Como fazer isso?

Proponho aqui três relatos, dois relativamente leves, até divertidos, um deles, talvez, uma indiscrição; e um outro, um pouco difícil... Todos os relatos são baseados apenas na minha lembrança. Algumas coisas são compartilhadas com outras pessoas, que devem lembrar, também, mas eu quero fazer valer exatamente a plasticidade da lembrança para dar precisão da memória de tudo que eu vou falar aqui.

---

### **Mestre-aprendiz de obra**

Heliana e eu, um belo dia, nos encontramos nos corredores da UERJ, ou em qualquer outro lugar – eram muitos os lugares em que nos encontrávamos! –, e ela tinha tido uma daquelas intermináveis obras na casa. Alguma coisa tinha afetado o telhado, não me lembro muito bem, e ela tinha chamado alguém para consertar. Tinha alguma coisa, não sei se um enfeite, um adorno, um acabamento, que tinha que ser refeito. E eram dois, iguais, em duas posições diferentes. O sujeito acabou a obra, ela foi ver, olhou, olhou, olhou... E pensou: “Não tá bom”. Chamou o sujeito. “Olha só, dá uma olhadinha no que o Senhor fez”. O sujeito olhou, olhou, olhou... Olhou de novo, olhou mais uma vez, virou-se pra ela e disse: “Sim...”. “O Senhor não está vendo? Estão diferentes!”. E de novo a pessoa olhou, olhou, olhou... Olhou mais uma vez e chegou pra ela e disse: “É, a Senhora tem razão, estão diferentes. Mas não se preocupe, porque a Senhora nunca vai ver os dois ao mesmo tempo”.

A história é ótima! O impressionante é o que Heliana fez com ela. E aí a memória falha totalmente, não vou conseguir reconstituir o relato pleno dela, mas não importa. Eu lembro que ela fez alguma articulação com o Nascimento da Clínica e a constituição do olhar. E falou aquilo com muita alegria e muita euforia, uma euforia intelectual, de conseguir articular o que estuda com o dia-a-dia simples de uma obra em casa. Heliana não só produzia encontros, como também era sujeita a eles.

Passemos ao segundo ponto.

### **Mestre-aprendiz de mistério**

Eu estava repassando minhas anotações para falar na mesa, já de madrugada, uma e pouco da manhã, e reli o trecho da Dissertação dela do qual faria uso, e, a partir de uma frase, eu quase desisti de trazê-lo à luz. Imediatamente depois, voltei à intenção inicial, “Cabe trazê-lo”.

Heliana defendeu a Dissertação em 1994, há trinta anos, e o livro foi publicado somente em 2020 (RODRIGUES, 2020) – originalmente eram 3 volumes. A última coisa do parágrafo é uma citação, ao fim da qual há uma nota de rodapé, a nota 733. Segue a transcrição do referido trecho:

“Este livro é não mais que um elemento de historização-desconstrução das evidências pastorais que nos cercam e permeiam. Conta histórias como quem murmura gostosos segredos. Um deles, porém, *deseja manter restrito a alguns daqueles que o leem* [grifos meus]. Depois de tantas citações e referências a alguns velhos conhecidos franceses, ele se encerra com mais uma: a fala do borgeano professor argelino Jérôme Jabin, cujos múltiplos sentidos de aliança só conhecemos eu e meus mestres-aprendizes, subjetividades ainda em

revolta: ‘E assim, venho-me a público trazer meu achado do lugar-do-nunca-o-soubemos para outro, de construção infinita, óculos especiais de ver para dentro, que tramam contra o escrito. E àqueles que argüem a veracidade das suposições aqui feitas, não se iludam: a menos de uma letra, de um ponto, de um sinal qualquer, sempre estamos mentindo’”.

Segue a nota 733, estranhamente entre colchetes – e eu verifiquei que é estranhamente mesmo, em nenhuma das outras 732 notas ela faz assim. A nota dá a referência, autor, veículo, página, data. No final, após dada a referência, há o seguinte comentário da própria autora Heliana:

“733 [Jérôme Jabin, *Decoupage: sur l'image*, Paris-Argel: D'Eternite s.d. - esse trabalho não aparece nas referências, por esquecimento”.

A frase grifada me fez pensar: será que eu vou cometer alguma indiscrição ao falar o que vou falar? O que talvez seja sabido por muitos de vocês: qualquer um pode reunir os rastros que Heliana deixa não só aqui como em outros lugares para concluir a mesma coisa que eu apontarei agora. Além do que, bem depois houve a publicação, nessa mesma *Mnemosine* que agora acolhe esse texto, de artigo em que a história de Jabin é contada. Então, fico mais à vontade para contar isso.

Por que alguém com um texto belíssimo termina a sua dissertação de três volumes citando outra pessoa? Por que ela faz isso citando alguém absolutamente desconhecido? E por que termina com uma nota de rodapé que é apenas uma referência? Já há aí alguma estranheza que poderia passar em branco, mas se olharmos com um pouquinho de cuidado, ainda mais pensando agora que o livro foi reeditado quase 30 anos depois, a manutenção não é só um respeito a originalidade do texto, tem algum objetivo.

Enfim, não vou falar aqui sobre a história do Jabin, qualquer um que procure na *Mnemosine* (CEREZZO, 2005) vai achar, essa história está contada, não é necessário retomá-la. Quero apenas pegar esse ponto: por quê dar aquela referência, por quê a nota e por quê o comentário.

Heliana defendeu sua Dissertação em 1994. Uns quatro meses antes, encontramos-nos, um grupo de mais ou menos umas dez pessoas, sabe-se lá porque, por qualquer motivo. Fomos, me lembro bem, para o Cantinho dos Médicos, bem perto da UERJ, na Rua 28 de Setembro, bem em frente ao Pedro Ernesto, onde hoje é um lugar chamado “Hortelã”, agora misto de lanchonete e restaurante – acreditem, como Cantinho dos Médicos era bem mais interessante. Então, estávamos lá bebendo, eu e Heliana lado a lado, e em algum momento ela me puxa pelo braço, como a querer segredar algo e fala assim: “Cerezzo, eu quero terminar a minha dissertação com uma citação do Jabin”.

Talvez eu tenha pego um guardanapo de papel – porque naquela época se podia escrever neles, eram um pouco mais grossos – e escrevi esse trecho entre aspas que eu acabei de ler para vocês. E em “não se iludam, a menos de um ponto, de um sinal qualquer sempre estamos mentindo” revela-se a revelação.

Por que que Heliana pediu isso? Pensei eu: bom, ela não vai usar. Quando ela me mandou o arquivo com a Dissertação, antes mesmo da Defesa, fui direto no final e lá estava a citação, tal qual estava no guardanapo de papel. Ela realmente colocou.

Naquela época, a história do Jabin já tinha acontecido, mas não tinha sido escrita. Então, em certo sentido ela era um mistério. Eu quero crer que ela fez isso como um ato de pilhéria de um pesquisador que deixa pistas para que você, leitor, se sinta instigado com aquilo. Quem é esse argelino? – porque, claro, ele tem até nacionalidade. Vejam lá em Mnemosine a história toda. E todas essas estranhezas que apontei aqui rapidamente – terminar a dissertação com uma citação de um profundo desconhecido, deixar uma pista de esquecimento que não faz sentido algum, pois bastava ter colocado a referência nas referências – e em especial o momento em que ela fala de seu próprio esquecimento, que lembra que é por esquecimento, fizeram-me sentir autorizado a contar isso.

Por acaso fui eu que escrevi aquelas palavras finais da Dissertação dela, mas isso não tem importância alguma. Poderia ser qualquer outra pessoa que estivesse ali e que conhecesse a história e a quem ela pedisse isso. Seja a qualquer um de nós a quem ela pedisse, é a dimensão da Amizade que estaria regendo aquele encontro, aquele pedido.

Passemos ao terceiro ponto.

### **Mestre-aprendiz de atendimento**

A sessão durou 35, 40 minutos - apesar de feriado, a ambulância, por motivo incerto, seguia bem devagar - talvez, por não ser uma emergência, priorizasse o conforto. A posição clássica se invertera, a analista (sim, sem dúvida analista) deitada de costas à frente da paciente, a cabeça primeiro, garantindo que os olhos não se cruzassem - isso é o que importava? Eu, sentado ao lado da analista (sim, sem dúvida analista) e de frente para ela, cruzava os olhos com ambas - em que pese os da analista terem se mantido fechados por todo o trajeto. "Sempre achei ridículo dizer que lutamos contra a morte", diria alguns dias depois. "Trata-se de uma peleja", completaria. A técnica da ambulância, a que em instantes viria a ser nossa paciente, sabendo sermos psicólogos –vários haviam aparecido nos 4 dias anteriores e a fama se espalhara –, me pergunta: "Qual a sua linha? Psicanálise?". Essa pergunta ainda me perturba, e sempre acho que a melhor resposta é aquela clássica e bem marcada

geracionalmente: linha corrente. Enfim, arrisco: "Esquizoanálise". A cara estranha e paralisada feita por Ju, nossa paciente (o nome não é ficcional), dá tempo para que me dirija a Lili e expresse a insuficiência da resposta. "Diz Análise Institucional". "Tem certeza?". "Sim, é mais fácil de entender". Acato. Em vão, segue a cara estranha, mas que então passa a falar sem parar. Situações de trabalho, amorosas, familiares, e uma experiência psicoterapêutica desagradável, sobre as quais não discorrerei – a Ética assim impede. Em uma pausa nos relatos, logo após comentar um desabafo que tivera com alguém do seu entorno, breve, mas suficiente para que outra fala se desse, Lili diz, sorriso na face, olhos ainda cerrados: "Foi preciso você passar por isso tudo para poder dizer". Terminou a sessão, a ambulância para, ouço o motorista dizer para o segurança no portão: "Internação".

### **Reencontro**

Esse texto começou a ser escrito bem antes do dia 4 de março de 2024. Era, naquele momento, apenas um relato do que ocorrera no dia 7 de setembro anterior, feito oralmente junto a Heliana várias vezes nos 6 meses que se seguiram. Da primeira, perguntei: "Você lembra do atendimento que fizemos na ambulância?". Olhos arregalados, surpresos, acompanhados de sorriso – sempre o sorriso. "Atendimento? Não lembro!". Contei e rimos muito. Da segunda vez, dias depois, ela mesma provocou: "Como é aquela história do atendimento na ambulância?" – ela lembrava. Novo relato, novos risos. Da terceira vez, "Adoro aquela história da ambulância!" – ela lembrava que lembrava. E assim seguiu lembrando, novos relatos, novos sorrisos e até gargalhadas. Ao longo daqueles seis meses, cheguei a pensar que aquele atendimento teria sido nosso último juntos, uma despedida, portanto. Mas não foi. Outros tantos assuntos, temas e situações apareceram e sobre elas discorremos, notadamente a condição hospitalar e a proximidade ao leito, desta vez experimentada na posição horizontal. De fato, aquele atendimento não fora uma despedida, mas apenas mais um reencontro entre Mestre e Aprendiz, e vice-versa.

### **Encontros**

Para produzir este texto, tomei como base a transcrição de minha fala no evento Modulações, como já dito aqui no início. Tarefa difícil, não apenas pelo árduo trabalho que em si é transcrever, ao menos para mim, péssimo digitador que sou, mas, principalmente, por me ver em exercício de lembrar as lembranças e recordar a distância...

Recorri, então, a minha Amiga Adriana Werneck, a quem pedi que me ajudasse a transcrever, e que estava assistindo à mesa. Ela havia sido aluna da Heliana em três períodos

do Doutorado no PPFH/UERJ, sendo sua Tese (MUNIZ, 2023), de cuja defesa Lili faria parte, fortemente inspirada e soprada pelos ventos da oralidade que ela lhe trouxera – nas palavras da própria Adriana, Heliana foi sua intercessora. O arquivo com a transcrição da parte que lhe pedi veio com um bilhete, que ora copio.

Na cena, uma amizade.

Drica [minha Amiga Adriana Rosa, participante da mesa] faz a leitura do texto já não possível ao amigo que, tomado pela emoção, se cala.

Talvez calar não seja a palavra apropriada para a cena. Ao invés de tomar a não possibilidade de fala do amigo como um movimento de silêncio, a cena – o silêncio, o choro, a voz do um nas palavras escritas do outro – nos provoca por uma outra via: a de que a amizade tem sempre algo de rizoma.

Há quem pertenciam aquelas palavras, ao amigo que as escreveu, à amiga que as lê ou à amiga que, entre os dois, passava em lembranças?

Amizade não são árvores. Elas não se submetem a hierarquias – ainda que sejam aquelas que buscam marcar o começo e fim. E porque amizade é rizoma, ela se permite (e nos permite) simplesmente passagens. E algo-amizade se passava entre eles.

(Adriana Werneck)

Heliana nunca foi uma “promoter”. Mas, a seu modo, discreta, sem alardes, promovia encontros. Realizava redes, seja na eventualidade do tempo e na casualidade do espaço, seja na intencionalidade dos compromissos intensos, onde nós isolados se faziam laços.

E nessa rede de encontros que é uma revista – e ainda mais essa revista, a *Mnemosine* –, reunindo leitores e lidos, escritores e escritos, Heliana, mais uma vez, produz encontros, ainda que em e por sua ausência.

A ela, meu Muito Obrigado.

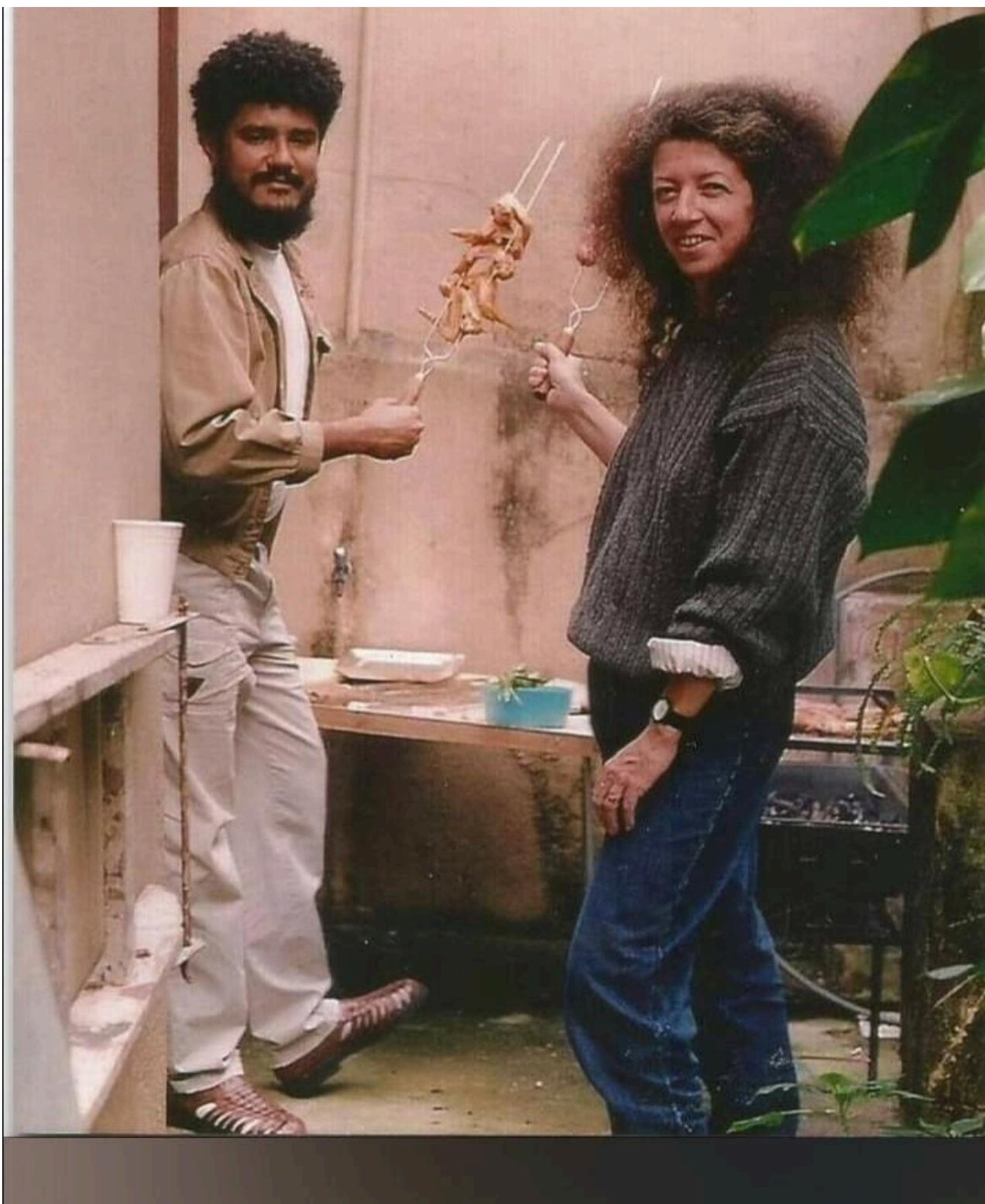


Figura 01. Mestre-Aprendiz de Churrasqueiro, 1991 ou 1992

## REFERÊNCIAS

CEREZZO, A. C. (2005). Bourbaki e Jabin: análise de discurso em atos de vidas. *Mnemosine*, 1(2). Recuperado de: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41391>.

MUNIZ, Adriana Werneck Russo. “Isso é coisa pra falar”: ocupar, ocupar-se, desocupar. Histórias com uma ocupação estudantil. Tese. Políticas Públicas e Formação Humana – Centro de Educação e Humanidades, UERJ, Rio de Janeiro, 2023.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. As subjetividades em revolta – institucionalismo francês e outras análises. Rio de Janeiro, Lamparina Editora, 2020.

Antônio Carlos Cerezzo, Oficialmente Antonio Carlos Almeida  
Psicólogo do IFRJ/Paracambi  
Doutor em Psicologia Social – USP  
E-mail: [accerezzo@gmail.com](mailto:accerezzo@gmail.com)